

ESTUDO DO MATERIAL CERÂMICO E ÓSSEO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB E SUA PROVÁVEL RELAÇÃO COM A TRADIÇÃO TUPI.

Thamires Silva Cavalcante¹

Juvandi de Souza Santos²

RESUMO

O artigo apresenta resultados de quatro estudos descritivos e comparativos, macroscópicos e microscópicos realizados em laboratório em material cerâmico e ósseo, do sítio arqueológico Moconha, localizado em Serra Grande, Paraíba. O trabalho se deu a partir de 28 fragmentos de cerâmica e uma urna funerária contendo fragmentos ósseos e um dente humano. Foi observando a pasta e a presença de grãos, fabricação e contexto decorativo pintado e plástico dentro das perspectivas da tradição Tupi.

PALAVRAS – CHAVE: Arqueologia; Cerâmica Tupi; Tradição Tupi.

ABSTRACT

The article presents the results of four descriptive and comparative studies, macroscopic and microscopic, carried out in the laboratory on ceramic and bone material, from the archaeological site Moconha, located in Serra Grande, Paraíba. The work was based on 28 ceramic fragments and a funerary urn containing bone fragments and a human tooth. It was observing the paste and the presence of grains, manufacturing and the painted and plastic decorative context within the perspectives of the Tupi tradition.

KEYWORDS: Archeology; Tupi ceramics; Tupi tradition.

1 Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e membro pesquisadora do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP–UEPB). Email: thamiressilvacavalcante15@gmail.com

2 Prof. Dr. Coordenador e orientador do LABAP – UEPB. Email: Juvandi@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico Moconha, apresenta uma diversidade de material cerâmico de meio fúnebre e comum (louçaria em geral), em sua maioria com decoração pintada interna e externa, confrontada de forma favorável através de pesquisas com materiais cerâmicos, Tupi e Tupiguarani do Nordeste e Brasil.

Tal ponto de vista leva a crer com base nos resultados anteriores discutidos em *Análise das cerâmicas do Sítio Arqueológico Moconha e a possível presença Tupi no interior da Paraíba (DA SILVA, et al, 2022)* e *Análise das cerâmicas do sítio Arqueológico Moconha e a possível presença Tupi no interior da Paraíba (PARTE 2) (CAVALCANTE; DE SOUZA, 2022)* que a região de Serra Grande, distante mais de 400 km da região litoral paraibano e acerca de 200 Km do litoral do atual estado do Ceará, abrigou em tese povos indígenas Tupis. O presente material aponta, mais uma vez, que existe muito a ser discutido e que os povos indígenas pré e pós-coloniais deixaram registros valiosos para a historiografia da Paraíba. Para tanto, as atividades realizadas no Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP – UEPB), possibilitam essa importante leitura arqueológica de extrema importância para visualizar o passado através das cerâmicas e restos mortais indígenas e poder vislumbrar uma amostra de seus costumes e correspondências decorativas.

METODOLOGIA

Os presentes estudos arqueológicos tem por finalidade tratar do material cerâmico e ósseo do sítio arqueológico Moconha, no tocante descritivo e comparativo com a tradição decorativa Tupi e Tupiguarani. De forma geral, tratou-se de realizar limpeza e obter dados referentes à dimensão de todas as peças e o peso de algumas delas. O primeiro estudo tratou da pasta de 17 fragmentos de cerâmica que atualmente se encontram em análise no Laboratório de Estudos Arqueométricos (LEARQ – UFPE) visando atributos de queima e pintura, a fim de identificar a presença e porcentagem de grãos de quartzo na pasta obtendo imagens microscópicas através da lupa *ring light* e microscópio trinocular na atividade de pesquisa realizada no LEARQ – UFPE.

O segundo estudo contemplou os elementos decorativos em comum de 7 fragmentos, partindo da higienização, descrição, fabricação e comparação dos elementos pintados. O estudo 3 trata da descrição da estrutura, limpeza e identificação de elementos decorativos internos e externos de uma urna funerária e classificação dos ossos obtidos a partir da retirada

e peneiramento do sedimento presente em seu interior. O último estudo torna a tratar da descrição, peso e comparação de elementos pintados de quatro fragmentos.

Serviram de base para os estudos, inúmeras teses, dentre as mais relevantes: *“Andanças” Tupiguarani na Chapada do Araripe: análises das correlações entre mobilidade humana, tecnologia cerâmica e recursos ambientais* (AMARAL, 2015); *A iconografia cerâmica como marcador identitário dos grupos ceramistas Tupiguarani em Pernambuco* (COSTA, 2018); *A paisagem cultural do sítio arqueológico Piracanjuba, Piraju, SP.* (DAVES, 2016); *A pintura tupiguarani em cerâmica* (PROUS, 2009) e *Os Ceramistas Tupiguarani. Volume II. Elementos decorativos* (PROUS; ANDRADE, 2010).

RESULTADOS

ESTUDO 1 – A PRESENÇA DE GRÃOS NA PASTA

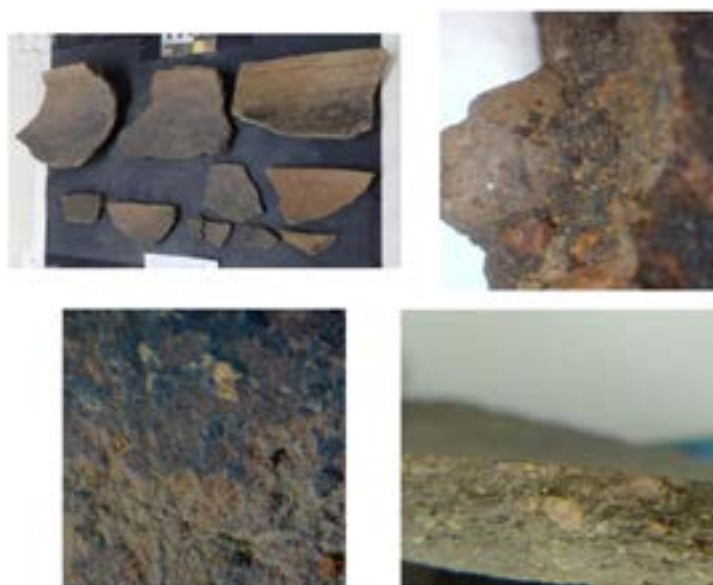
As cerâmicas apresentadas a seguir, foram selecionadas e divididas em dois grupos com o objetivo de apresentá-las a partir da granulometria. O primeiro grupo contendo onze fragmentos do sítio arqueológico Moconha, e o segundo com seis fragmentos do mesmo sítio. Ao serem analisados com o auxílio de uma lupa *ring light*, foram identificados nos materiais à presença de grãos diversos com predomínio de quartzo branco, que correspondem ao antiplástico da cerâmica, sendo cabível enfatizar que “(...) no processo de confecção da cerâmica, a argila é o elemento material mais importante. Elas são um grupo particular de minerais, diferenciadas entre si e originadas pela decomposição de diferentes rochas” (SILVA, et al, 2004, p. 57). Deve-se considerar que a pasta é:

(...) resultante de diferentes fatores: tamanho das partículas de argila, forma das partículas de argila, quantidade de água na argila, íons absorvidos, componentes minerais, localização dos depósitos, material orgânico, componentes minerais não argilosos e temperatura. A boa argila é aquela que é suficientemente plástica para ser modelada, contrabalançando as características de extensibilidade e capacidade de ser seccionada e, ao mesmo tempo, que apresenta um processo de contração que não resulta em quebra durante a secagem e queima (RICE, 1987, p. 54-63; TITE, 1999, p. 184, APUD, IBIDEM, p. 57).

No primeiro grupo (Figura 1), existem grãos de quartzo branco, rosa e outros minerais localizados no interior das cerâmicas, variando entre 0,1 cm até 0,5 cm de circunferência, classificados na categoria cascalho muito finos e grânulo, com base na Escala de granulometria

de Wentworth 1992³, com ocupação de 3% até 7% referente à Planilha para estimativa de percentagem de atributos⁴. Essa parte do material foi anteriormente analisada apresentando características de uso comum, queima e fuligem.

FIGURA 1 – GRUPO 1 – FRAGMENTOS DE CERÂMICA E IMAGENS DA PASTA.



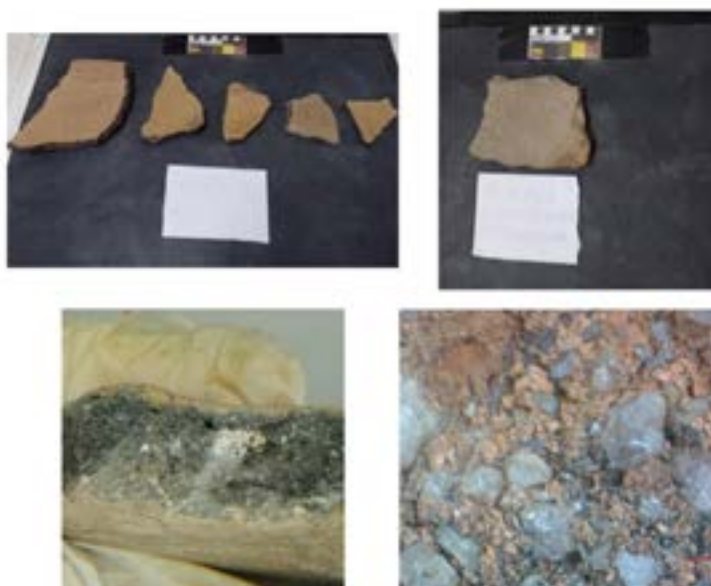
CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA – LEARQ – UFPE.

A respeito do segundo grupo (Figura 2), contém decoração pintada interna, coloração escura interior e pouca incidência de grãos de quartzo em cinco cerâmicas e nota-se a presença de outros minerais, no geral com 0,1 cm até 0,5 cm. Uma das cerâmicas desse grupo foi retirada da reserva técnica do LABAP – UEPB e contém o diferencial de apresentar quartzo branco na parte interna do bojo a base na variante de 0,2 cm a 0,4 cm de espessura sobre engobo bege ou branco e ocupação de grãos de 5%.

3 WENTWORTH, Chester K. A scale of grade and class terms for clastic sediments. The journal of geology, v. 30, n. 5, p. 377-392, 1922.

4 XAVIER GOMES DE MATOS, Manuela. Análise de estruturas em alvenaria: modelo para análise e identificação dos processos construtivos e das etapas de execução de uma edificação de valor histórico/cultural. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

FIGURA 2 – GRUPO 2 – FRAGMENTOS DE CERÂMICA E IMAGENS DA PASTA.



CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA – LEAARQ UFPE.

ESTUDO 2 – COMPARAÇÃO DE ELEMENTOS DECORATIVOS

O próximo estudo elenca características gerais sobre um conjunto de cerâmicas (Figura 3), descrevendo a decoração pintada baseada principalmente na obra *Cerâmica Guarani* de La Salvia & Brochado (1989). Ao todo serão analisados sete fragmentos que compartilham decoração pintada interna sobre engobo branco ou bege semelhante, a partir das cores vermelho e preto comuns ao gênero Tupi, onde se pode considerar que pertencem a uma mesma vasilha devido à geometria dos motivos, mas não se encaixam. Foi necessária pouca higienização, já que os motivos se encontram bem visíveis e conservados. A respeito das cores sabe-se que:

O preto e o marrom escuro o têm uso equivalente, sendo todos os desenhos de pontos feitos com estas cores, cujo conceito corresponde a “muito escuras”. O vermelho e o preto (principalmente no litoral central, nordeste e centro-oeste) foram utilizados para traçar as linhas. Exclusivamente o vermelho forte (...) foi utilizado para pintar o lábio das vasilhas e as bandas que ressaltam as inflexões das paredes e das bordas reforçadas (PROUS, 2009, p. 12).

MATERIAL

FIGURA 3 – FRAGMENTOS DE CERÂMICA COM DECORAÇÃO PINTADA.



CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA.

DIMENSÕES DOS FRAGMENTOS

As cerâmicas medem de 21×19cm até 10×6cm. Todas as cerâmicas têm 1 cm de espessura e lateral interna totalmente escura. O fragmento maior traz as linhas referidas como ‘bandas’ ao centro na vertical e horizontal.

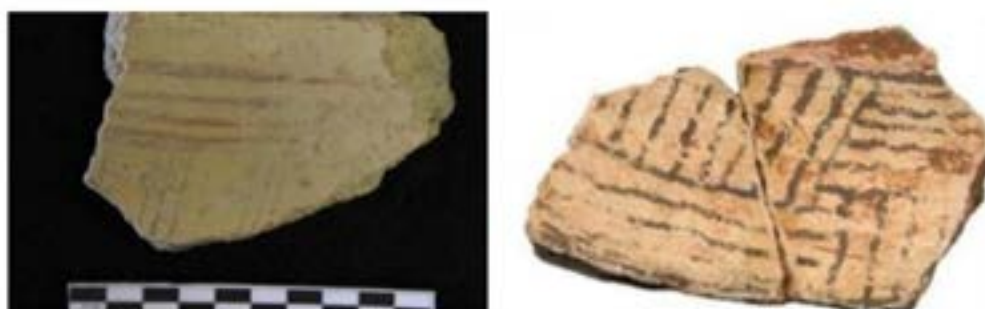
MATERIAL COMPARATIVO

FIGURA 4 – BAIXIO DO LOPES – BORDAS COM PINTURA; BORDA COM PINTURA POLICRÔMICA, SÍTIO TORRE VII.



FONTES: ENSAIO SOBRE OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS EM BREJO SANTO, 2020. AMARAL, 2015, P. 347.

FIGURA 5 - BOJO COM PINTURA POLICROMIA COLETADO NO SÍTIO DA TORRE III; DECORAÇÃO PINTADA/FACE EXTERNA.



FONTES: AMARAL, 2015, P. 224; DAVES, 2016, P. 88.

O estudo possibilitou encontrar correspondências na geometria, cores e distribuição dos motivos em relação às demais cerâmicas do sítio Moconha, mas principalmente com a cerâmica do Baixio do Lopes, Brejo Santo, estado do Ceará (Figura 4) no que diz respeito ao modo fabril, localização, cores, geometria e espessura que são quase iguais aos motivos em cor preta das sete cerâmicas analisadas. Primeiramente o padrão de banda interior com linhas paralelas horizontais abaixo da borda comumente encontradas nas cerâmicas Tupis. O bojo interno abriga motivos em arranjo quadricular ou retangular na vertical, horizontal e oblíquo. As sete cerâmicas do sítio Moconha seguem estrutura decorativa parecida em especial pelos motivos em banda e quadrangulares, correspondendo também a cerâmica do sítio da Torre VII e Torre III (Figura 5) referentes a tese *“Andanças” Tupiguarani na Chapada do Araripe em Pernambuco* e a cerâmica com decoração externa do sítio arqueológico Piracanjuba, Pirajú – SP (Figura 5) que apresenta motivos quadriculares semelhantes aos motivos internos das cerâmicas do sítio Moconha.

ESTUDO 3 – URNA FUNERÁRIA

Dando continuidade têm-se alguns aspectos prévios referentes a uma urna funerária (Figura 6) do sítio arqueológico Moconha. A urna segue em higienização, onde já é possível pela primeira vez, detectar decoração pintada exterior localizada ao campo principal, que novamente segue o padrão triangular recorrente em outras peças do sítio. A higienização também ocorreu por dentro com a retirada de sedimentos passados na peneira para a coleta e classificação de material ósseo, um indicativo maior de que essa peça serviu de fato como uma urna funerária.

FIGURA 6 – URNA DO SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB.



CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA.

DIMENSÕES

A urna mede 61 cm de altura e 150 cm de circunferência. A borda é canerada e tem 74 cm de circunferência e 2 cm de altura. O pescoço mede 9 cm na vertical e o campo principal 18cm na vertical. Essas considerações foram feitas com base na tese *A paisagem cultural do sítio arqueológico Piracanjuba, Piraju, SP* e a distribuição da pintura Tupiguarani em urna, cuja decoração pode variar para cada área, considerando a semelhança com o esboço (Figura 7).

FIGURA 7 – TRATAMENTO COM DECORAÇÃO PINTADA EM PASTES ESPECÍFICAS DE VASILHAS TUPIGUARANI.



Fonte: Oliveira (2008).

FONTE: DAVES (2016, P. 85, APUD, OLIVEIRA, 2008).

A decoração triangular de diferentes tamanhos está distribuído de forma horizontal da borda ao campo principal da urna, com coloração preta sobre engobo bege. O alisamento geralmente era feito com uso de alguma pedra polida e foi comum nesse meio que essas cerâmicas fossem antes utilizadas de alguma outra forma pelo grupo para então integrar um contexto fúnebre. Foi identificada decoração plástica interna (Figura 6) presente em outros fragmentos trabalhados, geralmente feita com uso de algum estilete, madeira ou *ungulado* com as unhas localizada entre a borda e o campo central que pode indicar algum tipo de reforço na fabricação. Sobre a decoração plástica:

A utilização de elementos plásticos, mesmo que possa ter assumido significado étnico, tinha mais acentuadamente caráter funcional; o uso de determinadas formas, como as numerosas panelas da subtradição, parece depender do consumo de certos alimentos e de sua preparação, como a mandioca doce, grãos, legumes e milho e seu preparo como cozido (SCHMITZ, apud BROCHADO, 1977).

Com auxílio da biologia foi feita a identificação do material ósseo que pode indicar um sepultamento secundário e se encontra muito fragmentado, dentre eles um dente analisado com auxílio de uma lupa *ring light*. Dos fragmentos temos partes do crânio, dois ossos do dedo, cerca de dez do fêmur e alguns não identificados. O dente é possivelmente um molar superior que tem coloração escura na raiz e alguma incidência de cárie. A partir de tudo elencado, nota-se que esse material como um todo pode oferecer diversos outros estudos e pontos de vista biológicos mais detalhados.

FIGURA 8 – MATERIAL ÓSSEO



CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA.

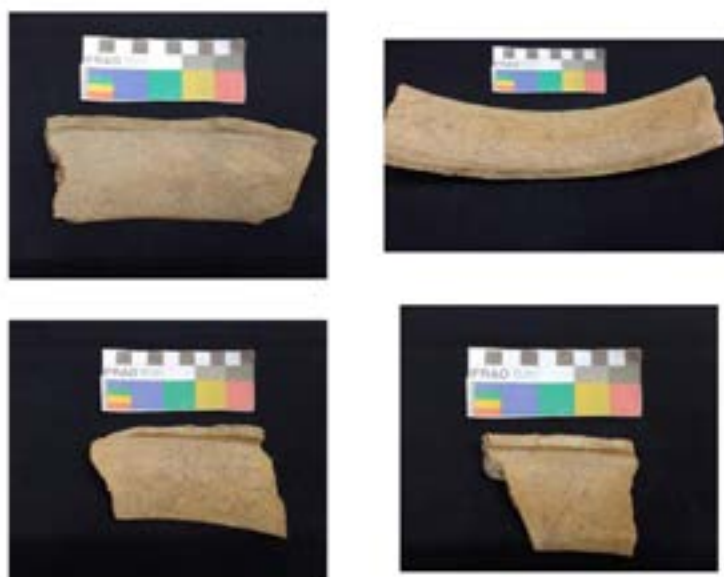
ESTUDO 4 - COMPARAÇÃO DE ELEMENTOS DECORATIVOS

São apresentadas as características de quatro fragmentos de cerâmica (Figura 9) com decoração pintada. A decoração encontra-se na parte interna em formato de zigue-zague, alternadas nas cores vermelho e preto e distribuídas na vertical. Há também alguns triângulos formados nas extremidades da peça maior e também pinturas de cor preta formando raios sobre a superfície. Na parte externa todas elas apresentam cobertura vermelha e de acordo com a tabela Munsell value: 25YR 4-6 Ssrgb: R=138 G = 81 B=55 com a presença de ponteados pretos. As cerâmicas na verdade correspondem a bordas retas e quadradas pertencentes a uma vasilha de médio porte. Ademais, existem pequenos furos internos. O Quadro 1 apresenta as medidas individuais dos fragmentos.

QUADRO 1 – MEDIDAS DOS FRAGMENTOS

MEDIDAS DOS FRAGMENTOS
Cerâmica 1 – 13x5cm; espessura de 0,3cm a 0,7cm; borda com 3cm vertical; peso: 118 g;
Cerâmica 2 – 23x5cm; 0,8cm a 1cm de espessura; borda com 3cm vertical; peso: 271 g;
Cerâmica 3 – 10x5,5cm; 0,8 de espessura; borda com 3cm vertical; peso: 99 g;
Cerâmica 4 – 7x6cm; 0,8cm espessura; borda com 3,5cm vertical; peso: 79.

FIGURA 9 – FRAGMENTOS DE CERÂMICA DA BORDA.

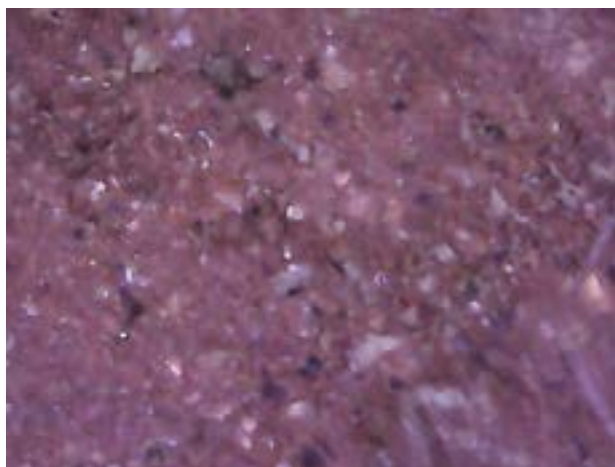


CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA.

Sobre a pasta através do uso de microscópio percebe-se o brilho e a presença de micro fragmentos de quartzo interno e externo e uma argila mais limpa e nada friável, o que pode

indicar uma pasta mais bem selecionada (Figura 10).

FIGURA 10 - ANÁLISE MICROSCÓPICA APRESENTA MICRO FRAGMENTOS DE QUARTZO.



CRÉDITO DA IMAGEM: THAMIRES SILVA.

IMAGENS COMPARATIVAS

FIGURA 11: MOTIVO 1 – LINHAS HORIZONTAIS E VERTICAIS FORMANDO DEGRAUS (FRAGMENTO PECG – 03- 20077). P.106. MOTIVOS MÍNIMOS DA CERÂMICA GUARANI DO SÍTIO LAGOA SECA, IEPÊ, SP.



FONTES: MATHEUS (P.50, 2016. LOPES, MARLOS, ET AL(2018). MOTIVOS GRÁFICOS DOS VESTÍGIOS CERÂMICOS DO SÍTIO CACHOEIRINHA I, PIAUÍ. 15, 93-118).

FIGURA 12: VARIABILIDADE FORMAL DAS VASILHAS NO LADO PAULISTA DO RIO PARANAPANEMA.



FONTE: DAVES (P. 67, 2016, APUD CHMYZ, 1997).

Dentro do comparativo, os motivos pintados fazem jus a geometria dos Motivos mínimos da cerâmica Guarani do Sítio Lagoa Seca, lepê, elementos decorativos losangulares Guarani e cerâmica Tupi do Espírito Santo e Motivos gráficos dos vestígios cerâmicos do sítio cachoeirinha I. Sobre o formato das cerâmicas que são bordas, a variabilidade presente na tese de DAVES, (2016) por CHMYZN (1977), demonstra bem como seria uma possível vasilha com esse formato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O potencial arqueológico do sítio Moconha, Serra Grande – PB, é novamente reforçado através dos materiais percorridos ao longo do artigo com o intuito de conectá-los a tradição decorativa e fúnebre Tupi. Mediante as conexões de cores, formatos, elementos geométricos e fabricação, positiva entre as cerâmicas do Moconha e com outras peças do país, há a correta possibilidade de ocupação interiorana Tupi ou ainda alguma forte relação de algum outro povo indígena com os primeiros. Acrescentada ao quesito decorativo, a pasta e a breve granulometria entram como elementos importantes que podem localizar a matéria prima e a idade dessas cerâmicas e fixar ainda mais a tese.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Alencar de Miranda. “Andanças” Tupiguarani na Chapada do Araripe: análises das correlações entre mobilidade humana, tecnologia cerâmica e recursos ambientais. 2015.

COSTA, Giseli Santana da. **A iconografia cerâmica como marcador identitário dos grupos ceramistas Tupiguarani em Pernambuco** / Giseli Santana da Costa. – 2018. 165 f

DAVES, Larissa Figueiredo. **A paisagem cultural do sítio arqueológico Piracanjuba, Piraju, SP.** 2016.

ENSAIO sobre os trabalhos arqueológicos em Brejo Santo. **A Munganga Promoção Cultural.** 7 de.mai.2020. Disponível em: <https://amunganga.blogspot.com/2020/05/ensaio-sobre-os-trabalhos-arqueologicos.html?m=1>. Acesso em:27 de abr. 2022.

LA SALVIA, Fernando; J. P Brochado. **Cerâmica Guarani.** Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LOPES, Marlos & Moraes, Flávio & De, Alencar & Amaral, Miranda & Fontes, Farias. **Motivos gráficos dos vestígios cerâmicos do sítio Cachoeirinha I, Piauí.** 15. 93-118, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Figura-5-Motivo-1-linhas-horizontais-e-verticais-formando-degraus-fragmento_fig2_338186683.

MATHEUS, Eduardo Pereira. **A caracterização da indústria cerâmica e possíveis correlações culturais: o estudo do Sítio Arqueológico Nova Palmeira.** 2016.

MANFRINI, Marcelo. “Variabilidade decorativa na cerâmica colonial paulista: influências e resistências/ Variabilidade decorativa na cerâmica colonial paulista: influências e resistências.” **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 37 (2021): 178+. Gale OneFile

MARTIN, Gabriela; MEDEIROS, Elizabeth; PESSIS, Anne-Marie. Salvamento arqueológico no sítio Baixio dos Lopes, Brejo Santo – CE: Um sítio com cerâmica Tupi-Guarani da Subtradição policrômica. **Clio Arqueológica**, Capa v. 31, n. 1 (2016), pp. 10-25. DOI: 10.20891/Clio. V.31i1.

PROUS, André. A pintura Tupiguarani em cerâmica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 8, p. 11-20, 2009.

ANDRADE, Lima, T. **Os Ceramistas Tupiguarani.** Volume II. Elementos decorativos. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais. V.2, 256 p.2010.

PANACHUK, Lílian. **A diversidade das coisas: modos de expressão na cerâmica Tupiguarani da Ilha de São Luís e arredores, Maranhão/Brasil.** Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, v. 25, n. 1-2, 2016.

RIZZARDO, Fabiane Maria; SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Formas de sepultamento na tradição cerâmica Tupiguarani.** Tecnologia e Ambiente, v. 21, 2015.

SILVA, Fabiola A. et al. A arqueometria e a análise de artefatos cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de Raios X (EDXRF) e transmissão Gama. **Revista de Arqueologia**, v. 17, n. 1, pp. 41-61, 2004.